

SOBRE ANTÓNIO VIEIRA:
ENTREVISTA DA NOVA ÁGUIA À AGÊNCIA LUSA⁶⁹

Por que é que a direcção da revista decidiu dedicar um número ao Padre António Vieira?

A *Nova Águia* é uma revista que, de forma assumida e descomplexada, procura valorizar as figuras maiores da nossa Cultura. Daí o ter dedicado o seu segundo número a António Vieira – já que em 2008 se celebraram os quatrocentos anos do seu nascimento –, daí dedicar os próximos dois números a outras duas figuras tão grandes quanto Vieira: Agostinho da Silva e Teixeira de Pascoaes.

Que temas ou artigos desta edição da Nova Águia destacaria e porquê?

O número dedicado a “António Vieira e o Futuro da Lusofonia” reúne artigos de alguns dos maiores especialistas, portugueses e brasileiros, da obra vieirina. Mas não se esgota na abordagem dessa tema. Tem outros textos de autores muito relevantes do nosso pensamento – nomeadamente, Adriano Moreira, António Telmo, Joaquim Domingues, Manuel Ferreira Patrício, Miguel Real e Pinharanda Gomes. E termina com um inédito de Jean-Yves Leloup, um dos autores mais traduzidos à escala global.

Qual é a importância, e qual a actualidade, do Padre António Vieira?

António Vieira foi, no seu tempo, um precursor da consciência/cidadania lusófona. Ora, dado que a *Nova Águia* e o movimento cultural e cívico que entretanto gerou (MIL: Movimento Internacional Lusófono, já com mais de um milhar de aderentes) têm precisamente como uma das suas grandes causas a promoção dessa consciência/cidadania lusófona, consideramos

⁶⁹ 5 de Fevereiro de 2009.



que António Vieira é um autor da maior importância. E da maior actualidade – cada vez mais, a nosso ver, Portugal só faz sentido no quadro dessa consciência/cidadania lusófona.

*

DA “XENOFOBIA”⁷⁰

Tem-se ouvido falar muito, nestes últimos dias, de “xenofobia”. A propósito de uma greve promovida por trabalhadores britânicos – e, sobretudo, por causa de uma frase: “*british jobs for british workers*.” Muito mais se ouvirá nos próximos tempos, por causa da grave crise internacional. Já se sabe: em tempos de fartura, estas questões não se põem e, em geral, os imigrantes são sempre bem vindos, sobretudo para os trabalhos mais duros; para mais, como é costume, recebem menos, não têm direitos sociais, etc. Nada que muitos portugueses, por essa Europa fora, já não tenham sentido na carne.

A frase foi pronunciada, há uns tempos, pelo primeiro-ministro britânico, Gordon Brown, e ele próprio já veio esclarecê-la, recordando o óbvio: a responsabilidade do primeiro-ministro de qualquer país é, em primeiro lugar, para com os seus compatriotas. O “Politicamente Correcto”, contudo, não o compreende e tem-se ocupado, histericamente, como é seu timbre, a levantar fantasmas de outras eras. Nada que não se esperasse, de quem tantos esqueletos tem no armário.

Nada, porém, como uma crise para deitar por terra algumas hipocrisias. E para perceber, no caso de Portugal, o quão importante é apostar, cada vez mais, no espaço lusófono, até para ocupar o crescente número de desempregados que temos.

Nada, contudo, que se possa fazer com o actual primeiro-ministro português, para quem, como se sabe, o lema é outro: “*portuguese jobs for socialist boys*”. *Not workers*.

⁷⁰ 5 de Fevereiro de 2009.

